



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Maio de 2011
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

MORFOLOGIA URBANA E ATRATIVIDADE DE DESTINAÇÕES TURÍSTICAS NA VILA DE ALTER DO CHÃO (SANTARÉM-PA)

Luciana Noronha Pereira (UNIVALI) - luciananoronha@univali.br
mestre, professora e pesquisadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALI

Francisco dos Anjos (UNIVALI) - anjos@univali.br
doutor, professor e pesquisador do mestrado em Turismo e Hotelaria e do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALI

Rafaela Vieira (UNIVALI) - rafaela@univali.br
doutora, professora e pesquisadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALI

Morfologia Urbana e Atratividade de Destinações Turísticas na Vila de Alter do Chão (Santarém-PA)

RESUMO

A sustentabilidade de uma destinação turística tem uma relação intrínseca com a manutenção e/ou melhoria das características e atributos que despertaram o interesse do mercado turístico e (o olhar) do turista. Uma destas características é a Morfologia Urbana, que combina elementos naturais e construídos caracterizando assim a configuração do espaço local. Esta pesquisa procurou compreender como a Morfologia Urbana interfere na atratividade de uma destinação turística, tendo sido desenvolvida na Vila de Alter do Chão, em Santarém (PA). A metodologia utilizada agregou estratégias para a compreensão espacial a partir das categorias e dos elementos morfológicos do espaço. Aliados a tal procedimento foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. O imaginário dos turistas sobre as destinações amazônicas, aparece relacionando características tais como, grandes extensões de áreas naturais preservadas, pequenos aglomerados urbanos ribeirinhos, características rústicas, pequena densidade populacional e construída, gabaritos baixos, construções em materiais regionais, entre outros. Também foi identificada uma tendência à progressiva diminuição do interesse turístico pela Vila, em decorrência à progressiva perda das características por eles consideradas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Urbana. Espaço Turístico. Percepção Ambiental. Alter do Chão, Santarém (PA).

1. O planejamento urbano em áreas turísticas e as expectativas dos visitantes

Estando a atividade turística imbuída e permeada por relações e fenômenos sociais, de características não-lineares e complexas, que envolvem múltiplas variáveis e atores sociais, representantes dos tantos segmentos envolvidos pela atividade turística, alguns autores têm questionado a utilização de ferramentas e métodos de planejamento tão lineares e pouco flexíveis, que têm se mostrado incapazes de abarcar as especificidades impostas pelos fenômenos sociais.

Segundo o modelo de Planejamento e Gestão proposto por Anjos (2004), as etapas de um processo contínuo são ordenadas sistematicamente, incluindo: a Compreensão do Sistema Turístico, a definição de Estratégias de Perturbação, e a Implantação e Viabilização. Estas etapas devem ser permeadas constantemente por outras duas: a Territorialização e o Monitoramento e Avaliação. Desta forma, o sistema territorial turístico deve ser compreendido para uma espécie de “retrato da realidade” daquele momento, a partir do qual, definem-se algumas estratégias de perturbação que, com sua viabilização e implantação, procuram causar reações e respostas deste sistema, em direção a uma nova configuração que exigirá uma nova compreensão do processo.

Fundamentado no exposto, esta pesquisa se organiza a partir do modelo de Planejamento e Gestão proposto por Anjos (2004), particularmente na etapa de Compreensão de um Sistema Territorial-Turístico. Este estudo pretende oferecer uma ampliação de abordagem que possa contribuir neste sentido, incluindo de maneira mais significativa a percepção dos usuários/consumidores destes espaços turísticos, que também são, antes de tudo, espaços das relações sociais. Entretanto, para a compreensão do sistema turístico e da percepção de seus usuários/consumidores, considera-se necessário a utilização de diversas linhas teóricas, no intuito de abarcar a complexidade do tema.

Deste modo, neste estudo, far-se-á uma busca em direção à complementaridade teórico-metodológica que possibilite a ampliação destas perspectivas através de um olhar humanista, buscando identificar os anseios e percepções dos consumidores destes espaços, levando em consideração, variáveis relacionadas à atratividade decorrentes das características físicas e da espacialidade de uma destinação turística - da mesma maneira que as características físicas do local são influenciadas por essa mesma subjetividade.

Neste contexto, a morfologia congrega os aspectos mais concretos e, portanto mais visíveis e tangíveis do espaço, e a percepção, as informações sobre como o consumidor destes territórios turísticos se relaciona com os mesmos, ou seja, a atratividade que o espaço exerce sobre esse usuário, a forma como é visto e o que se espera dele. Conforme citam Ramalho e Sarmiento (2004, p.07), o turista constrói um imaginário da destinação escolhida, construído “através da mídia, dos postais e dos guias (...) numa construção inventiva de lugares almejados”. Assim, a construção da imagem do lugar passa necessariamente pelas

expectativas e desejos de consumo, no campo da fantasia e da imaginação, em busca de prazer, satisfação e deleite.

Entretanto, a instalação da atividade turística e de todo o seu aparato, como parte das próprias dinâmicas sociais relacionadas ao desenvolvimento de localidades e regiões, várias vezes tem determinado a alteração da mesma configuração e de padrões antes responsáveis pela atração que dado destino exerce (ou exercia) nos turistas, muitas vezes em torno de uma “mesmice homogeneizadora”. O desenvolvimento da atividade turística sem regulamentação pode ter como consequência a destruição dos mesmos lugares que são os “objetos do olhar do turista” (URRY, 1993, p.66).

Não se trata aqui de negligenciar as evoluções e melhorias necessárias, ou mesmo desejáveis, à infra-estrutura, aos serviços, entre outros. Mas trata-se de atender a esta demanda de mundialização técnico-informacional, contudo, sem excluir as características locais, sendo necessário manter um diálogo com a identidade, com a personalidade da destinação, apesar de sua modernização. Portanto, entende-se que tratar da sustentabilidade de destinos turísticos, implica diretamente na manutenção das características então capazes de fomentar a instalação da atividade, ou seja, que determinaram o surgimento do interesse, que foram capazes de atrair turistas, para então garantir o aumento do ciclo de vida do produto turístico, rumo a uma estabilidade que, ao mesmo tempo, não negligencie o caráter dinâmico do espaço e da cidade enquanto produto das relações sociais.

É nesse sentido que a Vila de Alter do Chão emerge a partir do contexto teórico para a problemática desta pesquisa, sendo uma recente destinação turística na Amazônia que vem sentindo as consequências do desenvolvimento desta atividade - a mudança de suas características construtivas, e assim, morfológicas e paisagísticas, de tal maneira que alguns de traços cênicos/paisagísticos e culturais que exercem atratividade em dado segmento do mercado turístico parecem estar sendo perdidos. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como a morfologia urbana interfere na atratividade de uma destinação, tendo como referência o caso de Alter do Chão, no município de Santarém/PA.

2. O espaço turístico e sua dimensão geográfica

O estudo do espaço turístico não pode ser feito sem que se leve em conta as demais relações econômicas e sociais, que nele também se manifestam e coexistem (SANTOS, 1992). Desta forma, o espaço turístico, que também é espaço de outras manifestações, atua como reflexo de uma condição social, no qual cada processo social determina sua respectiva forma espacial (CORREA, 1995).

Assim, a atividade turística vem interferindo cada vez em mais localidades, convertidas em destinações, graças aos avanços obtidos nas tecnologias de transporte, que têm

determinado a diminuição da importância da sua posição geográfica. Essas novas técnicas e tecnologias têm possibilitado crescentemente a dissociação locacional de diversas atividades, atuando como um dos possíveis fatores de dispersão citados por Santos (1992). No caso da localidade na qual se dará a realização deste estudo de caso, as alterações sofridas pelo modelo de ocupação que tem no turismo um de seus indutores, podem demonstrar que o uso do espaço passou a ser determinado pelos interesses do capitalismo (SANTOS, 1992), atendendo aos interesses das classes dominantes que determinam a si próprias, a ocupação das áreas que julgam mais atraentes (CORREA, 1995), levando à transferências dos residentes originais (SANTOS, 1992) para áreas mais afastadas do interesse do capital, gerando certa desculturalização da população tradicional, alijada de manter suas relações afetivas, sociais e produtivas com este espaço.

Algumas mudanças notadamente marcadas nas tipologias das construções, nos materiais e técnicas empregados, na configuração e ocupação dos lotes na Vila de Alter do Chão, podem sugerir que, a chegada das “modernidades construtivas”, pode determinar o abandono das características tradicionais, segundo o entendimento que a sociedade local possui sobre o que deve ser tratado e implementado como “melhoria” nas condições de vida e de habitação. No entanto, segundo Corrêa (1995), em alguns casos há a cristalização de áreas nas quais acontece a preservação da forma e conteúdo, pela força de sentimento e simbolismo, interferindo diretamente o uso da terra. Assim, esse impacto de sentimentos - sejam eles de retenção, atração ou resistência - se opõe à racionalidade econômica. Tal fenômeno pode ser identificado na Comunidade de Alter do Chão nas poucas residências de seus habitantes nativos ainda localizadas nas proximidades do rio e nas que ainda utilizam materiais e/ou técnicas tradicionais de construção, manifestando a força das raízes culturais que os relacionam.

Paralelamente a reflexão sobre o espaço e sua formação, segundo o enfoque de nossa problemática de pesquisa, Lamas (2004) enfatiza a importância de fazer a distinção entre forma urbana e morfologia urbana, muitas vezes tidos como sinônimos. De acordo com o autor, a forma da cidade é o objeto de estudo da morfologia urbana, de modo que “só o cruzamento de diferentes leituras e informações poderá explicar um objeto tão complexo quanto a cidade” (LAMAS, 2004 p.37).

A diferença mais sensível entre os autores anteriormente citados, está na maneira como a ‘forma’ está situada para a compreensão do espaço. Lamas (2004) entende que, sendo a *forma* resultado de diversos conteúdos histórico-culturais materializados, constitui o único elemento capaz de permitir tal leitura. Já para Santos (1996), essa leitura não é possível se realizada apenas através da matéria, ou seja, da ‘forma’, mas somente quando a mesma é

animada pela sociedade, lhe conferindo um valor social, sem a qual a 'forma' não tem qualquer significado, ou seja, sem a qual, não há espaço.

Estes dois posicionamentos, de certa maneira, conflitantes, possibilitaram o enriquecimento da análise em direção à problemática da pesquisa, de forma que, as categorias de análise de Santos (1992) parecem permitir uma visão mais completa e mais crítica do espaço turístico, enquanto espaço social, e sua formação, e assim também cumprindo com maior profundidade o que Lamas (2004) chamou de "cruzamento de diferentes leituras", fornecendo o suporte para a compreensão da forma urbana enquanto fator de atratividade em destinos amazônicos.

Assim, sem esquecer que a cidade "não poderá ser desligada de seu suporte geográfico" (LAMAS, 2004, p. 63), esta pesquisa pretende utilizar os fragmentos ou partes constituintes da 'forma' relacionadas por Lamas (2004) – por ele definidos como elementos morfológicos do espaço - para o estudo da 'forma'. Estes elementos morfológicos serão apresentados e descritos em sessão posterior, segundo sua classificação e sistematização pelo autor - o solo/ pavimento; os edifícios; os lotes/ parcelas fundiárias; o quarteirão; a fachada/ plano marginal; o logradouro; o traçado/ rua; a praça; o monumento; a árvore e a vegetação; o mobiliário urbano.

A apreensão da forma urbana, com suas características e objetivos estéticos, é essencialmente realizada através dos sentidos humanos perpassados por processos de juízo imbricados à percepção (LAMAS, 2004, p.58), de maneira que "apesar da forma não se resumir aos aspectos sensoriais – portanto perceptíveis -, estes são determinantes na sua compreensão".

3. Turismo: planejamento e espaço

O planejamento, enquanto processo sistematizado, é oriundo das engenharias, mas possui utilização em todas as ciências sociais aplicadas. Para Hall (2004, p 24), o planejamento nada mais é que uma maneira de "tomada de decisões e elaboração de políticas", com a definição de 'caminhos', de estratégias inter-relacionadas como componente de um processo mais amplo que inclui também sua implantação, ou seja, um processo de "planejamento-decisão-ação".

Assim, planejar é uma ação que pretende ordenar, compreender e criar condições favoráveis para alcançar determinadas metas e/ou objetivos estabelecidos (RUSCHMANN, 2003). Neste âmbito, quando se tem em foco a atividade turística, o planejamento constitui-se no instrumento de desenvolvimento, a partir do qual se definem as prioridades de atuação seja do ponto de vista do produto com também do mercado, além de estabelecer as diretrizes e passo para regular e direcionar a atividade, em busca de seu crescimento equilibrado.

Anjos (2004, p 57) afirma que originalmente, dentro de uma ótica mecanicista, o planejamento se confunde com o projeto, ou seja, constitui-se em uma ação precedente a sua implantação e gestão. Dentro desta perspectiva, cada etapa se inicia consecutiva à outra, não havendo sobreposição e retroalimentação, com retorno às fases iniciais. Ora, esta simplificação de procedimentos pode ser capaz de atender a fenômenos mais objetivos, mais lineares como uma linha de montagem ou uma experiência química, no entanto, fica muito aquém da complexidade envolvida quando se trata de relações e organizações sociais, como o turismo, por exemplo. Neste sentido, Souza (2003, p 46) afirma que “planejamento e gestão são distintos e complementares” e Anjos (2005) propõe que o planejamento e a gestão estejam integrados em um processo mais abrangente que permite a freqüente passagem de uma a outra, através de monitoramento, possibilitando o estabelecimento de um processo contínuo, com permanente correção de rumos e assim, permitindo a “superação da dicotomia entre planejamento e implementação”.

Olivares (2000) trata da grande importância da relação territorial enquanto base para o desenvolvimento de toda a atividade turística, a qual depende de deslocamentos e da existência de um local de origem e um destino para a visitação, ou seja, o território como matéria-prima para o desenvolvimento turístico enquanto recurso capaz de atrair visitantes, de modo que “o turismo tem no território, sua principal material prima. Se os territórios deixarem de ser uma produção de seus usuários, compromete o próprio processo de produção de capital no turismo” (ANJOS, 2004, p 154). Assim, embora planejamento espacial e planejamento turístico, não tenham correspondência direta um no outro, são interdependentes e devem ser levados em consideração no momento de sua elaboração, seja a observância ao planejamento espacial quando for realizar o planejamento turístico, ou vice-versa.

A adoção dos preceitos da sustentabilidade para o planejamento determina antes de tudo uma mudança ideológica, a partir da qual, o desenvolvimento humano passa a ser o objetivo a alcançar, o que não significa a prevalência de um dos sistemas sobre os outros, muito menos o abandono de um deles (SAMPAIO, 2000), mas passa a incluir a referida equidade e equilíbrio no desenvolvimento da tríade econômico/sócio-cultural/ambiental.

A determinação do planejamento turístico voltado à sustentabilidade como eixo principal, em sua marcada complexidade, determina a necessidade da inclusão dos diversos atores direta ou indiretamente envolvidos na atividade, através de seus representantes, segundo cita Hall (2004, p 271) quando afirma que “é preciso haver tanta variedade na parte controladora quanto no sistema em si”. Condição de representatividade esta, corroborada por Anjos (2005, p 11), que ainda cita a importância desta participação e representatividade do sistema turístico não apenas na definição do plano, das estratégias, mas também como condição *sine qua non* para o comprometimento na execução e implantação do projeto.

É preciso observar, que o sistema turístico, enquanto um sistema social, tem sua dinâmica determinada dentro de sua própria estrutura já que “o ambiente não dirige e nem define as mudanças no sistema, segundo a Teoria de Santiago, apenas desencadeia os processos” (ANJOS, 2005, p 5). O autor ainda afirma que o planejamento e a gestão, ao mesmo tempo em que são componentes deste sistema turístico, também devem ser postos como parte do ambiente externo que gera impulsos ou “perturbações” no sentido de potencializar respostas de aprendizado e evolução.

Para Capra (2002), os sistemas sociais, dentre os quais o turismo está inserido, deve ser estudado sob quatro perspectivas: (1) a forma, que trata do padrão de organização do sistema, ou seja, a sua estrutura organizacional - semelhante à categoria *estrutura* de Santos (1992); (2) a matéria, que se refere à materialização desta estrutura – ou a categoria *forma* de Santos (1992); (3) o processo, como a conjunção dos elementos anteriores numa perspectiva temporal, processual – do mesmo modo que a categoria *processo* de Santos (1992); e (4) o significado, “como expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva” (CAPRA, 2002, p 86) – sem correspondência analítica com as categorias propostas por Santos (1992).

Esta última perspectiva, ou seja, o significado, se aplica apenas aos sistemas relacionados ao domínio social, isto por que o autor define que

a nossa capacidade de reter imagens mentais de objetos materiais e acontecimentos parece ser uma condição fundamental para o surgimento das características da fundamentais da vida social (CAPRA, 2002, p 86).

Os sistemas sociais têm padrão de organização em rede, constituindo também em redes de comunicação e envolvem relações de poder, simbolismos, questões culturais, entre outros. A característica autopoietica das redes de comunicação determina que elas sejam auto-geradoras e surgem em resposta a uma anterior da mesma maneira que são estímulos para sua sucessão. Neste mesmo sentido, Capra (2002) parece fornecer algumas das possibilidades quanto aos planejamentos inócuos e às dificuldades de implantá-los na prática, haja vista que as mudanças impositivas, não permitem que essas redes se percebam como tal - “o ponto central não é nem a força nem a energia: é o significado. Perturbações significativas podem chamar a atenção da organização e desencadear mudanças estruturais” (p 123).

Para tal, Anjos (2004) sugere em complementaridade que o planejamento e gestão sejam permanentes, integrados e flexíveis, fornecendo respostas rápidas às alterações de ambiente e às respostas fornecidas pelos sistemas, através do que o autor denomina “gestão por processos”. Neste sentido, a gestão por processos está em consonância com os

preceitos da complexidade e da variabilidade dos sistemas sociais, permitindo uma visão e revisão permanente no planejamento e gestão, pela retroalimentação de informações, segundo os processos capazes de “agregar mais valor ao sistema” (ANJOS, 2004, p 144).

Determinados aspectos da destinação que foram responsáveis por sua emergência como tal, fazem parte da composição de uma imagem que chega ao seu mercado consumidor – aos turistas - antes mesmo do contato com o referido produto. Conforme afirma Bigné et al (2001) em seu artigo que estuda a participação da imagem na satisfação do consumidor turista e, conseqüentemente, nas indicações e intenções de retorno ao mesmo, a imagem consiste na percepção individual e coletiva da destinação, como interpretação subjetiva do destino pelo turista, ressaltando sua importância para a satisfação da experiência turística, enquanto componente não-objetiva de seu sistema. Para o autor (BIGNÉ et al, 2001), essa imagem é um importante fator no que diz respeito ao papel dos planejadores-gestores de destinações turísticas, devendo ser alvo de especial atenção no sentido da garantia da comunicação das mensagens desejadas a respeito do local. Assim, ainda que suas variáveis muitas vezes sejam difíceis de controlar, a imagem deve ser componente essencial quando se estuda o planejamento de destinações turísticas e de seu espaço.

É neste momento que se pode caracterizar outra peculiaridade que interessa diretamente ao este estudo, cuja relação de expectativas, compra e consumo, cria uma primeira imagem sobre o produto, que não é necessariamente a imagem real, mas sim uma imagem projetada segundo anseios do consumidor, informações difundidas na mídia, entre outros. Essa imagem projetada é confrontada com a imagem real do destino que só chega ao consumidor através da percepção das suas características verdadeiras *in loco*, permitindo equívocos no que tange à localidade, aos seus serviços e demais componentes do produto turístico. Chen (2000) refere-se ainda às diferenças nas interpretações de informações diversas - imagens, fotografias, vídeos, material publicitário em diversos tipos de mídia – segundo a diversidade de culturas que determina níveis e padrões de comunicação também particulares.

Será que estes mesmos princípios não podem, ou ainda devem, ser consideradas nos estudos na escala urbana? A utilização destes critérios pode se restringir as iniciativas privadas? É nesse sentido que pretende-se aqui, fazer uma transposição de escala, no que se refere a todas as considerações feitas sobre a construção de superestruturas turísticas, e sobre a necessidade de levar em consideração a imagem, para quaisquer interferências inclusive no âmbito urbano e governamental.

É importante frisar que, para efeitos dessa pesquisa, esse diferencial mercadológico será estudado através abordagem antropológica voltadas ao consumo do espaço, incluindo diversos níveis de detalhes que vão desde a arquitetura e a configuração urbana determinada por seu conjunto, além do mobiliário, “das cores, da iluminação, a climatização,

as vestimentas, os transportes coletivos, os lugares de trabalho, os espaços de lazer, as vias públicas, etc”, conforme afirma Jaime (2001, p. 70). O mesmo autor (2001, p. 71) ainda reitera que “o fenômeno do consumo não pode ser compreendido levando-se em conta apenas variáveis de natureza econômica (...)”, de modo que a cultura e seus aspectos simbólicos permeiam até mesmo na sua negação pela racionalidade econômica do capitalismo. Em suma, a capacidade de uma destinação em manter suas características originais e diferenciais, é um movimento significativo em direção ao seu crescimento e permanência, enquanto produto, no mercado turístico: “a atratividade e o ambiente da estrutura física são vitais para seu sucesso econômico” (ALLISON, 2002, p.350).

4. Espaço, imagem, imaginário e significado.

Falar da cidade, como aglomeração humana, implica em tratar das relações humanas, das coisas que vemos e da forma como elas se estruturam. Para Hillman (1993, p.42), a relação humana que se dá ao nível do olhar “é uma parte fundamental da alma das cidades”, de maneira que é através dos encontros realizados ao nível deste olhar que acontece o conhecimento, a significação, o envolvimento emocional, ou seja, “o contato de alma” (p.42). É através do olhar e, assim, dos aspectos visíveis do espaço, que “lemos aquilo que vem ao nosso encontro” e também uns aos outros (p.42), é desta maneira que é construído o lugar. De fato, as relações humanas com o espaço incluem os laços com a memória e os lugares da “infância”, por exemplo. Mas também pode ocorrer de forma inversa quando da busca por mudanças de cenários e de significações, como pode-se verificar na atividade turística. Assim, o desenvolvimento da atividade turística possui inesgotáveis elos com os cenários e os significados e sentidos a eles atribuídos, na qual turistas são “praticantes de semiótica lendo a paisagem à procura de significantes” (URRY, 1999, p. 29).

Conforme a teoria dos sistemas proposta por Capra (2002), citada anteriormente, na compreensão do domínio social da vida, são citadas as quatro dimensões sugeridas pelo autor que são: dimensão da forma, dimensão da matéria, dimensão do processo e, finalmente, a dimensão do significado. A dimensão do significado enfatiza como pertinente apenas às relações entre seres humanos, ou seja, no âmbito das relações sociais. É nesse sentido que se torna possível estabelecer sua relação com o espaço, anteriormente tratado: a dimensão do significado permeia o espaço, enquanto produtor e produto social, da mesma forma como em todos os demais fenômenos sociais. É essa abordagem associa, para esta pesquisa, os aspectos formais da cidade, das ocupações humanas, ou seja, a morfologia urbana, aos aspectos psicológicos e semiológicos despertados pelos primeiros.

Da mesma forma, nesta relação, o caráter temporal, processual não é menos importante, já que é na dimensão do processo que está a história que lhe deu origem, de maneira que “a cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela.

Significa alguma coisa, ela [cidade] ecoa com a profundidade do passado. Há uma presença de história na cidade” (HILLMAN, 1993, p.39). O significado constitui “uma expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva” (CAPRA, 2002, p.86) a partir da qual são associadas uma multiplicidade de características, permitindo ou exigindo a sua interpretação, de maneira que o sentido de determinada coisa não se encerra em si.

As alterações das infra-estruturas, sejam elas decorrentes do turismo ou de quaisquer outros fenômenos sociais, implicarão em uma mudança cultural na sua percepção, na sua significação, que por sua vez gerará novas alterações infra-estruturais, aportando o caráter processual retro-alimentado a estas relações, da mesma forma que citou Anjos (2004) com relação ao processo de planejamento e gestão.

Dentro deste contexto, emerge a semiótica enquanto ciência atrelada ao pensamento, à comunicação e à linguagem humana, que permeia todas as atividades de um ser humano e, assim, das relações estabelecidas com outros seres humanos e com o mundo ao seu redor. Assim, a semiótica, ou semiologia, estuda os signos e como estes se relacionam, ou seja, procura compreender como se dá a interpretação das coisas concretas ao nível das idéias e de suas representações. Para Santanaella (2000), “a semiótica peirceana é uma teoria lógica e social do signo” (p.09) a partir da qual a semiose ou a autogeração como princípio fundamental do pensamento, do encadeamento de idéias que geram novas idéias, para posteriormente originar outras idéias em um fluxo retro-alimentado indefinidamente.

Assim, o signo pode ser entendido como veiculador de significados, constituindo uma idéia, uma representação mental das coisas do mundo real, ou seja, é uma imagem como uma cópia de objetos concretos. A tríade formada pelos elementos presentes na composição desse movimento sóico presentes no texto de Peirce, citado pelos autores, clarificam um processo cognitivo do qual fazem parte: (1) o signo, (2) o objeto e (3) o interpretante.

O processo fotográfico descrito por Kossoy (2002) parece aproximar-se do processo triádico exposto anteriormente. Na fotografia o autor relaciona (1) o assunto, (2) a tecnologia e (3) o fotógrafo, com ação situada em “coordenadas de situação” que relacionam ainda o espaço e o tempo. Neste caso, parece possível estabelecer um paralelo entre o (1) assunto situado em um contexto espacial-temporal ao objeto do processo triádico da semiótica. Da mesma forma, a (2) tecnologia parece aproximar-se do signo - a fotografia, por exemplo - e o (3) fotógrafo, do interpretante, enquanto mediador da leitura, significação e representação do real, através desta dita “realidade secundária”, por ele construída.

Assim, estudar a semiótica da imagem pressupõe estudar a imagem como representação e também a percepção da imagem como forma de linguagem, de modo que “a foto não é uma simples réplica da realidade em questão, mas sim uma transformação visual que deve ser novamente interpretada pelo observador a fim de assegurar a informação necessária” (SANTANAELLA & NÖTH, 1998, p. 41). Isso permite dizer que os signos, e assim a

semiótica, são inerentes ao pensamento humano, já que “todo pensamento se processa por meio de signos” (SANTANAELLA, 2000, p.09), sendo esse pensamento de natureza coletiva, elaborados e influenciados a partir dos filtros culturais, do conhecimento e da bagagem de um determinado grupo, de maneira que “a transmissão de significados constitui o fluxo inter-subjetivo pelo qual circula a cultura” (EPSTEIN, 2001, p. 21).

Ou seja, a semiótica torna-se recurso essencial para o entendimento das imagens e imaginários urbanos, criados, interpretados e projetados à partir de características concretas do espaço da cidade, assim como, da morfologia urbana.

A respeito da mobilidade e vulnerabilidade da forma, da cidade, Ferrara (1997, p.193) afirma que “as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores de seu crescimento”. Essa idéia expressa em boa parte a importância da paisagem através da imagem que, depois de apreendida, torna-se signo da mesma, de maneira que as expressões culturais de seus residentes são traduzidas na configuração do espaço, e por que não dizer, na distribuição e relacionamento dos elementos morfológicos de Lamas (2004).

Por outro lado, ao entender que a cidade é também um produto a ser comercializado, seus aspectos intangíveis, ainda que visceralmente ligados às características formais da mesma, tornam-se elementos essenciais ao compreendermos que as imagens e expectativas do consumidor turista são satisfeitas ou não por determinado lugar. Através de elementos locais (da destinação) associados ao *background* do turista são construídos a imagem e o imaginário coletivos à respeito de determinado lugar, de modo que a imagem é constituída basicamente de informações espaciais concretas, da paisagem. Para Ferrara (1997, p.194), a imagem e o imaginário abrigam as relações mútuas, nas quais ao mesmo tempo em que a cidade é entendida como “espaço físico construído”, também é “o lugar que se individualiza naquele espaço”.

Neste cenário, percebe-se a importância da paisagem urbana na estruturação das relações sociais entre seus habitantes, entre seus visitantes, da mesma forma que entre estes e a própria cidade. A idealização de uma imagem e a atribuição de significados acaba por refletir a relação estabelecida entre homem e natureza, bem como da própria sociedade e seu espaço, enquanto objeto de intervenção: “a paisagem é projetada e construída a partir de elaborações filosóficas e culturais que resultam tanto da observação objetiva quanto da experiência individual ou coletiva em relação a ele” (LEITE, 1997, p.244) e vice-versa.

5. O caso de Alter do Chão (Santarém-PA)

Situado no Estado do Pará, dentro da área Amazônia Legal, o Pólo Turístico do Tapajós inclui municípios da região oeste do estado. Dentro do Pólo Tapajós, o município de Santarém, no qual está inserida a Vila de Alter do Chão, assume posição central na região

oeste do estado, desempenhando um importante papel enquanto centro regional. Localizada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, a cidade de Santarém assume posição geográfica central em relação aos demais municípios do oeste paraense e também entre as capitais Belém e Manaus. Este município concentra a maior parte da infra-estrutura turística da região oeste paraense, bem como as melhores condições de acesso, atraindo o fluxo turístico e atuando como um ponto de chegada e de distribuição para os demais municípios e micro-regiões do turístico do Pólo Tapajós.

Como um dos distritos componentes do referido município, a Vila de Alter do Chão está localizada à margem direita do rio Tapajós, em uma enseada que o une ao Lago Verde, e distante cerca de 27 km do centro da cidade de Santarém (SEBRAE, 2003). Localizada nas proximidades de duas grandes áreas de preservação ambiental, a Vila de Alter do Chão tem um importante papel tanto no contexto amazônico, quanto como destinação turística na região. Atualmente a vila é parte integrante de roteiros das mais importantes operadoras de eco-turismo do país, além dos roteiros propostos pelo Governo Federal através do Ministério do Turismo, além de ser ponto de parada previsto nas rotas de cruzeiros internacionais que transitam pelo rio Amazonas, constituindo a referência turística mais marcante, na qual também está concentrado, além do acesso à cultura da região, grande número de instituições de pesquisa, organizações governamentais e não-governamentais, que constituem importantes reservas intelectuais e financeiras.

No entanto, sua crescente valorização, aliada ainda ao advento da monocultura da soja na região, à venda das propriedades, à destruição de ambientes naturais e ao aumento da dificuldade para ter acesso aos materiais locais tradicionais da cultura do caboclo ribeirinho, tem resultado um crescimento desordenado do plano urbano da Vila, na mudança dos padrões construtivos, na perda de referências culturais materiais e imateriais e de seu ordenamento econômico predominantemente agrícola e extrativista. As profundas alterações ocorridas na Vila de Alter do Chão estão no centro das preocupações deste estudo, especialmente após a abertura da estrada, em face à grande diminuição da demanda dos navios de cruzeiros internacionais enquanto um possível indicador para a perda da atratividade turística do destino.

Os primeiros movimentos turísticos em Alter do Chão estiveram notadamente marcados por um fluxo local direcionado do centro da cidade de Santarém e outras cidades do entorno, para Alter do Chão, que inicialmente ocorria pelas vias fluviais, teve o fluxo aumentado com a construção da estrada PA-457 (Rodovia Everaldo Martins), ligando Santarém à Vila de Alter do Chão por 32 km de percurso terrestre. Tomando como referência que "(...) o desenvolvimento das tecnologias de transporte [entre outros] (...) foram fatores fundamentais para a democratização do turismo" (LUCHIARI, 2001, p.113) a sua construção

na década de 70, se tornou o marco mais sensível na alteração da dinâmica urbana da referida localidade.

Dentro deste contexto, pode-se observar que o início de um movimento da população local em direção à periferia da Vila, com menos infra-estrutura urbana, induzindo o surgimento de novos bairros que mais se assemelham a favelas, e outras comunidades, basicamente formadas por antigos moradores de Alter do Chão que venderam suas propriedades e compraram outros terrenos ao longo da rodovia, no entanto distantes das margens do rio. Percebe-se a alteração dos padrões construtivos (tamanho e altura das edificações), abandonando as técnicas e materiais tradicionalmente utilizados por essa população.

Essa alteração nas relações sócio-econômicas se manifesta na conformação de duas centralidades na Vila: uma mais pertinente e permeável aos turistas, especialmente no que se refere à moradia e comércio básico – localizada ao longo da orla, e no entorno da praça da igreja matriz; e uma outra, mais permeável aos habitantes locais – localizado no entorno da Praça do Sairé e ao longo da rua asfaltada que dá acesso a mesma.

6. Percepção do Espaço Turístico da Vila de Alter do Chão (Santarém/PA)

Sendo as mudanças na atratividade do destino e o papel da morfologia urbana para tal o objeto central deste estudo, esta seção vem contribuir sobremaneira em direção à resposta de nossa questão de pesquisa, uma vez que discorre sobre a percepção dos usuários do espaço da Vila de Alter do Chão, sobre seus elementos constituintes, sejam eles fixos ou fluxos.

As fotografias cedidas pelos turistas, além das próprias entrevistas abertas semi-estruturadas, realizada sobre o argumento das imagens fotografadas, forneceram informações diretas e indiretas sobre significados, imagens, imaginário relacionados à Vila.

No caso das fotografias apresentadas por turistas, aparecem amigos que viajam junto, alguns dos residentes da Vila com os quais foi estabelecido algum laço afetivo, ou ainda algum personagem tradicional mais como registro de figuras típicas de uma aventura amazônica, tais como catraieiros e pescadores. Também aparecem os residentes em apresentações nas festas e seus ensaios e rituais – Festa do Sairé, Dia do Índio – assim como as crianças em ambiente escolar ou em suas brincadeiras e atividades ao ar livre.

Em sua maioria, constituem registros de paisagens locais, cenas de pesca, pôr-do-sol, barcos, rio, “Ilha”, morro, Ponta do Cururu, igapós, trechos da orla, igarapés, entre outros. Tal é sua importância neste contexto que o turista muitas vezes apresenta a paisagem sozinha, como argumento principal do registro, e quando o turista procurar fazer parte, incluir-se nesse registro, ele procura integrar-se ao contexto natural mais como registro de que lá esteve e que usufruiu do lugar.

Da mesma forma, nestes registros fotográficos (do turista) também são incluídos animais e plantas coloridos, esquisitos, em tamanhos e formas não imaginados, além de frutas, árvores gigantes. Também são objetos da atenção de suas câmeras a intermitência da paisagem natural e sua transformação gradual à medida que o rio enche ou seca.

Em todos os casos anteriores das fotografias de paisagens e elementos naturais dos turistas parece haver embutida, caso as observemos simultaneamente à entrevistas, uma preocupação ambiental, como registro do que está se perdendo, se acabando, como se através destes registros fosse possível a “idéia da preservação integral e inalterável do passado” a que se refere Dubois (2003), quando traça um paralelo entre teorias Freudianas e a fotografia.

Vários dos turistas entrevistados estavam no destino além da primeira vez, tendo citado entre os motivos de tantos retornos, as amizades feitas. Os turistas também incluem imagens de pessoas da comunidade, em um respeitoso tom de afeto, amizade, ou admiração. Por diversas vezes as fotos apresentam traços marcantes da cultura local entre os quais, redes, barcos, malocas, lavação de roupa nos rios, lazer das crianças e das famílias nos igarapés e praias da região, entre outros, cenas são enquadradas propositadamente, como objeto principal de suas lentes. Ao que parece, esse registro das vivências e experiências junto à população local se dá num esforço de registrar, coletar amostras da vida local, do desempenho das atividades cotidianas, de seu ritmo e de capturar simultaneamente as sensações descritas como paz, tranqüilidade, o clima receptivo e amistoso, a sensação de estarem “isolados”, “perdidos”, “esquecidos” dos seus mundos e dos problemas e estresses que vêm com eles.

Embora os turistas utilizem o argumento de registro histórico, essa característica de memória parece estar mais vinculada às alterações na paisagem natural e no crescimento desordenado da Vila. As fotografias parecem passar de “imagens latentes a imagens manifestas, estas podendo ser imagens (ou lembranças) de projeção, imagens deslocadas, transferidas, condensadas, manipuladas por todas as formas de trabalho da dinâmica psíquica” (DUBOIS, 2003, p. 321). As fotografias parecem mais que simplesmente registrar paisagens ou cenas cotidianas, parecem sim descobrir o lugar de diferentes ângulos, parecem testar a luz dos diversos momentos do dia, parecem procurar detalhes especiais, enfatizar as diferenças com relação ao seu local de origem, especialmente através de tudo que lhes parecer inusitado, diferente ou desconhecido.

Esse olhar pouco acostumado parece denotar nas cenas fotografadas certo encantamento com a paisagem, com a exuberância da natureza, com a simplicidade da vida local, chegando algumas vezes a ser praticamente uma descrição poética, romântica do lugar, implicando em que “sempre haverá invisível na imagem. (...) a foto sempre será

assombrada. Sempre será em (boa) parte, uma *imagem mental*” (DUBOIS, 2003, p. 326 – grifo do autor).

Nas imagens selecionadas pelos entrevistados são quase inexistentes os apelos ao consumo ou ao capitalismo, expressos normalmente através da apresentação e exibição das posses, roupas, acessórios, equipamentos, eletrodomésticos e eletroeletrônicos, veículos, casas, móveis, etc. No caso dos turistas, esse fato ganha um reforço de significado com fotografias que parecem pretender “defender” o lugar, o “paraíso” local, com poucas necessidades materiais agregadas, exceto as próprias câmeras fotográficas.

Isso pode nos fornecer um novo indício do motivo pelo qual a maioria das cenas registradas e selecionadas por residentes se dá ao ar livre, no espaço público. Este fato pode ainda indicar que na Vila de Alter do Chão, o espaço público de alguma forma ainda se sobrepuje à propriedade privada (neste caso, não se está levando em conta os proprietários de segunda residência que parecem ter comportamento contrário, e que não foram abordados nas entrevistas). Entretanto, apesar de serem imagens ao ar livre, ao contrário dos residentes, poucas vezes aparecem as áreas urbanas da Vila, e quando estes locais aparecem normalmente estão restritos à praça, à casa de hospedagem, às barracas da “Ilha”, ou no máximo aos locais próximos como, por exemplo, a esquina do açai.

Com relação às festas (Festa do Sairé, por exemplo), os turistas percebem esse compromisso crescentemente comercial, demonstrando certo repúdio à sujeira, ao lixo, ao barulho, à superlotação, às barracas na praça, afirmando que a festa deixa muito poucos benefícios à Vila e à comunidade, sendo esta festa usufruída predominantemente pela população de Santarém e Manaus.

Conforme frisado anteriormente, esses turistas demonstram interesse pelo ritmo de vida menos apressado e estressado da Vila, pela simplicidade das construções e do modo de viver, valorizando e reconhecendo na comunidade esse esforço em resgatar e fortalecer sua cultura, entre outras coisas, através das festas e do artesanato.

A receptividade aos turistas, seus hábitos, religiões e todo o tipo de intercâmbio cultural, afirmada pelos residentes durante as entrevistas, é citada pelos turistas como uma importante característica local para o interesse turístico, chegando a descrever estabelecer laços afetivos semelhantes aos laços familiares com alguns dos residentes e vice-versa.

Uma preocupação de cunho sócio-cultural foi citada por um turista, relatando os problemas, especialmente relacionados aos jovens do local, como o alcoolismo. O turista chega a traçar um paralelo sobre diversos episódios históricos onde o alcoolismo atingiu algumas populações indígenas pelo mundo. A complexidade deste tema exigiria um profundo estudo histórico e antropológico das relações estabelecidas entre populações indígenas colonizadas e o alcoolismo, o que não é objeto deste estudo.

Dentre os elementos da paisagem mais marcantes como identificadores de Alter do Chão, foram destacados por residentes e turistas a “Ilha” com sua praia e o morro da Serra Piroca ao fundo, tendo sido incluídas pelos turistas também as barracas e todo o restante do conjunto cênico formado pelo Lago Verde e pela enseada do Rio Tapajós.

O rio é um dos elementos mais fortes pelas citações nas entrevistas realizadas com turistas. A primeira referência feita tem relação com o impacto visual do tamanho de um rio e torna-se recorrente a sua comparação com o oceano, com o mar, incorporando aí a beleza da cor da água e também associando idéias de abundância em água doce, já escassa em diversas localidades do mundo. Além disso, são feitas observações à respeito das diversas formas pelas quais este rio determina o ritmo e o modo de vida no local, seu papel determinante nos fluxos, no transporte, na acessibilidade à própria Vila e aos locais no entorno. Nos depoimentos dos turistas é enfatizado que o rio é, ao mesmo tempo, atração turística com a praia de águas mornas “como um banho”, e de outro lado, é também fonte de alimento, subsistência da população.

Os turistas afirmaram nas entrevistas gostar de fotografar, registrar e observar plantas e animais e sua existência presente, incluindo o registro das mudanças para comparações futuras das perdas ambientais, talvez também como tentativa de resistir ao tempo e aos lapsos de memória, de modo que o “tempo fotográfico recompõem o tempo da memória, alheio ao tempo cronológico” (ROCHA e ECKERT, 2001, p. 12). Se dá, assim, uma valorização destacada dos cenários naturais, quase não referindo-se à parcela urbana da Vila, sendo que, quando essa referência acontece, é majoritariamente negativa.

Provavelmente essa percepção negativa da porção urbana da Vila por parte dos turistas entrevistados, tenha íntima relação com a declaração dos residentes que relata a perda do patrimônio construído da Vila, especialmente no caso das formas de baixa permanência, ou seja, nas casas de taipa, palha e madeira normalmente propriedade dos locais.

Essas mudanças nas paisagens urbanas e as tendências homogeneizadoras são citadas pelos turistas como causas de uma progressiva perda de interesse pelo lugar. Dentre as mudanças citadas estão a perda da identidade e das belezas naturais, o excesso de uso de asfalto, cimento, entre outros afirmando que querem ver no destino “o verde” e não concreto.

Os comentários mais negativos no que tange às construções e suas características morfológicas foram feitos por turistas, de forma que houveram recorrentes referências negativas às construções mais altas, às que ocupam todo o lote e retiram toda a vegetação, assim como as construções que não levam em consideração a utilização de uma linguagem tida como regional em sua tipologia e partido. Dentre as construções que mais aparecem citadas dentro desse discurso, pode-se citar o Hotel Mirante, localizado na orla de Alter do Chão, com vista para a “Ilha”.

Assim, observa-se nos discursos dos turistas que estes não são contrários às melhorias, desde que estas sejam realizadas dentro de um planejamento e execução mais condizente, adequada e integrada à realidade local, assim como ao cenário natural.

Neste âmbito, são valorizadas as construções que conseguem manter e associar-se a parte da vegetação do lote, considerando negativo o atual hábito local de desmatar todo o lote para inserção da construção. Estes logradouros arborizados, mesmo quando existem construções nos lotes, favorecem um estilo de vida também valorizado pelos turistas entrevistados. Voltado para a realização de tarefas e encontros ao ar livre, as construções consideradas com linguagem regional adequada, deveriam privilegiar o uso de redes, as áreas de varandas, as construções abertas, o uso de materiais construtivos e de acabamento regionais - dentre os quais a madeira, a taipa e a palha - mantendo traços culturais como argumento fundamental de seu partido. Desta maneira a Vila manter-se-ia, na opinião dos turistas entrevistados, mais natural e mais rústica.

Da mesma forma, os turistas ainda acreditam que essas características deveriam transbordar o interior das casas e propriedades privadas, para o espaço público através da valorização e do incentivo ao caminhar à pé, à utilização de bicicletas e canoas em contraposição aos automotores, lanchas, jet-skis e o conseqüente aumento da área asfaltada/cimentada e dos riscos aos banhistas.

Ainda segundo os relatos dos turistas, o que mais chama a atenção na Vila de Alter do Chão, que não era esperado em uma destinação amazônica, é a água clara e as areias brancas. A esse respeito também destaca a beleza, as luzes e as cores do pôr-do-sol quase como “espetáculo” que acontece todos os dias, alguns chegam a descrever o pôr-do-sol e o nascer da lua que acontecem simultaneamente.

7. Outras considerações e sugestões para novas pesquisas

No caso da Vila de Alter do Chão enquanto uma destinação amazônica tornou-se perceptível que não havia um imaginário específico da Vila, mas sim uma expectativa relacionada à Amazônia em geral. Desta maneira, a percepção do ambiente amazônico como majoritariamente natural, ocupado por populações indígenas ou caboclas, que convivem e integram-se harmonicamente ao meio natural, determinam um imaginário de urbanidade mais simples, esparsa, rústica, mais suave e imbricada às características naturais.

Deste modo, muitas das expectativas com relação às construções nestas destinações turísticas localizadas na Amazônia, estão relacionadas à presença e conciliação com as árvores e a vegetação, com adensamento baixo à moderado e com a utilização de materiais regionais. Assim, toda a composição dos elementos morfológicos passa pelo estabelecimento de uma paisagem bucólica, de vilarejo.

Entretanto, muitas dessas características vêm se perdendo com o advento da mesma atividade que as valoriza: o turismo. A ascensão da localidade enquanto destinação turística impulsionada pela melhoria das condições de acessibilidade determinou a valorização da terra, a construção das casas de segunda residência e a mudança dos modos de produção local, contribuindo no sentido de uma tendência homogeneizadora de paisagens.

Desta forma, a prerrogativa do desenvolvimento turístico, em modalidades de baixo impacto, deveria levar em consideração os princípios de manutenção das características originais da localidade, assim como de suas características naturais. Para tal, o estabelecimento de áreas de proteção – de preferência em unidades de conservação implantadas, geridas e fiscalizadas – e do plano diretor municipal que leve em conta os limites da sustentabilidade natural e cultural e também estabeleça limites e critérios para a ocupação da área urbana da Vila.

Estabelecer uma política de incentivos à utilização de materiais e linguagem regional, adequados à cultura local, também parece ser salutar. Mas, inicialmente faz-se necessário que o próprio Poder Público como principal agente na formação do espaço, planeje mais cuidadosamente as intervenções a serem construídas e as implicações que estas intervenções causarão na paisagem local. Da mesma forma, é necessária a ampliação e integração dos esforços de gestão associados a um planejamento urbano adequado como um modo de impedir abusos de autoridade e poder, através de um processo de educação e fiscalização que façam valer a legislação vigente.

Como possibilidade para futuras pesquisas sugere-se a investigação acerca do mesmo tema, entretanto, com diferentes subgrupos de usuários deste espaço, sejam eles residentes ou turistas. Outras possibilidades de pesquisa relacionam o detalhamento da ocupação da Vila e sua cronologia; aprofundamento nas tipologias construtivas tradicionais locais e suas alterações até a atualidade; pesquisas aplicadas sobre o desempenho e a eficiência dos materiais construtivos regionais; e ainda, a conversão dos indicadores obtidos por esse estudo, no sentido da definição dos parâmetros urbanísticos considerados aceitáveis pelos usuários/consumidores deste espaço.

Também seria salutar investigar nas principais origens dos turistas a respeito do conhecimento ou não do destino, do interesse pelo local, do imaginário e das expectativas envolvidas caso fossem ao lugar. Outra possibilidade é entrevistar turistas de determinado grupo/perfil na chegada dos vôos, navios de cruzeiros e barcos em Santarém (que costumam fazer a ligação entre Belém e Manaus com Santarém para muitos turistas internacionais), antes da chegada e posteriormente a sua visita, no intuito de buscar melhor estabelecer comparações entre o imaginário (anterior) e a percepção da imagem (posterior).

Além disso, outras inúmeras possibilidades de pesquisa estão na ampliação da utilização de imagens fotográficas, ou mesmo outras categorias de imagens, nas pesquisas sobre a percepção urbana e as atribuições simbólicas relacionadas.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Gerald. **Lugares especiais em lugares especiais**. In: GOELDNER, Charles R.; McIntosh, Robert W.; RITCHIE, J. R. (Orgs). Turismo: princípios, práticas e filosofias. São Paulo: Bookman, 2002.

ANJOS, Francisco Antônio dos. **Processo de planejamento e gestão de territórios turísticos**: uma proposta sistêmica. [Tese de doutorado, apresentado ao programa de pós-graduação em engenharia de produção da Universidade Federal de Santa Catarina]. Florianópolis: UFSC, 2004.

BIGNÉ, J. Enrique; SÁNCHEZ, M. Isabel; SÁNCHEZ, Javier. Tourism image, evaluation variables and after purchase behaviour: inter-relationship. **Tourism Management**. No. 22. [S.l]: Elsevier Science Ltda, 2001. p 607-616.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix, 2002.

CHEN, Joseph S. Cross-cultural differences in travel information acquisition among tourists from three Pacific-Rim countries. **Journal of Hospitality & Tourism Research**. Vol. 24. Nº 2. [S.l]: International Council on Hotel, Restaurant and Institutional Education, 2000. p. 239-251.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. Série Princípios. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1995.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7ª edição. Campinas (SP): Editora Papirus, 2003.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2001. Série Princípios.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Cidade**: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p 193-201.

HALL, Michael. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JAIME, Pedro Jr. Etnomarketing: antropologia, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**. V.41. Nº 4. São Paulo: FGV-EAESP, out-dez, 2001. p. 68-77.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª edição. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2ª edição. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbekian, 2000. cap I e II. p. 17-129.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. **Natureza e a participação social**: uma nova estética. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p 239-247.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. **Urbanização turística**: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: BRUHNS, Heloísa Turini; LUCHIARI, Maria Teresa D.P.; SERRANO, Célia (Orgs). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p 105-130.

OLIVARES, Diego López. El espacio turístico y el sistema turístico: los recursos territoriales turísticos. In: _____. **La ordenación y planificación integrada de los recursos territoriales turísticos**. Madrid: Universidade Complutense, 1997. Cap. 1, p. 31-67.

RAMALHO, Rodrigo Filho; SARMENTO, Maria Emília C. Turismo, lugar e identidade. In: Encontro Anppas, II. 2004, Indaiatuba (SP). **Papers Apresentados nos Grupos de Trabalho**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/index.html#15>. Acessado em: 15 de agosto de 2006.

ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornélia. **Imagens do tempo nos meandros da memória**. In: KOURY, Mauro Guilherme P. (Org.). *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2001. p. 07-40.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 10ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2003. – (Coleção Turismo).

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Gestão Organizacional Estratégica para o Desenvolvimento Sustentável: uma metodologia alternativa para o planejamento turístico sustentável. **Turismo: Visão e Ação**. Itajaí, Vol 3, nº 6, p.97-115, abr/set, 2000.

SANTANAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Editora Luminuras, 1998.

SANTANAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3ª edição. São Paulo: Nobel, 1992.

Serviço Brasileiro de Apoio às micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-PA). Regional Santarém – Centro de Resultados de Turismo. **Plano de Desenvolvimento Turístico Comunitário de Alter do Chão e Caranazal**. Santarém: [s.n.], 2003.

SOUZA, Marcelo. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p 45-55

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: Sesc/ Studio Nobel, 1999.